REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 360

21 DE DEZEMBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA MAGESTADE O IMPERADOR D'AUSTRIA FRANCISCO JOSÉ I

CORONEL HONORARIO DO REGIMENTO PORTUGUEZ N.º 5 DE INFANTERIA

CHRONICA OCCIDENTAL

Só muito a correr, em rapidas linhas escriptas ao sair do theatro de S. Carlos, podemos na nossa ultima chronica noticiar o *successo* alcançado n'essa mesma noite, pela cantora nova que debutára: — a Van Zandt.

Esse *successo*, porém, foi de tal ordem, e a cantora é de tão excepcional valor, que não podemos limitarmo-nos a essa simples noticia, e que fechando a nossa chronica de ha dez dias com o nome da Van Zandt, é nosso dever abrir com esse mesmo nome glorioso a nossa chronica de hoje.

Maria Van Zandt é uma das celebridades artisticas mais completas e perfeitas qae tem atravessado o palco de S. Carlos.

Não sei porque, até ao momento de ella apparecer em scena, havia no publico certa desconfiança a seu respeito, contestava-se a sua celebridade, duvidáva-se do seu relevante merito, fallava-se desdenhosamente dos seus successos de Paris, «successos na Opera Comica,» diziam com desprezo, e insistia-se muito com uma latente hostilidade para com a nova *estrella*, no escandalo da primeira noite do *Barbeiro* na Sala Favart, escandalo a que attribuiam a maior parte da sua notoriedade.

E tudo isto, todos estes *zuns-zuns*, que corriam cá fóra, de parelha com o descontentamento que ha sempre no publico quando a empreza levanta os preços para qualquer artista novo, pozeram a maioria do publico de prevenção, e d'ahi uma baixa consideravel no preço dos bilhetes que os contractadores tinham comprado para negocio, esperando a alta da primeira noite, chegando a vender-se á porta de S. Carlos, cadeiras a quartinho e logares de geral a oito tostões—muito menos que o preço da casa nas recitas ordinarias.

Uma das principaes causas da desconfiança do publico ácerca dos meritos da Van Zandt era a falta da chancella dos theatros de Italia nos seus pergaminhos artisticos.

Uma grande parte do publico de S. Carlos, a velha guarda principalmente, é toda italianista; os cantores que não vem apregoados de Italia, as operas que não trazem a sancção do publico de Milão, de Roma e de Napoles, são recebidos sempre por essa parte do publico com uma certa prevenção hostil, que só á força de talento e de arte se pódem vencer.

A Van Zandt teve logo que luctar contra essa falta de passaporte italiano.

Trazia a sua celebridade feita em Paris, mas Paris que nos dá o *mot d'ordre* no romance e na comedia, não o dá na musica.

Depois a Van Zandt vinha da *Opera Comique*: e isto era um argumento para uma certa parte do publico, que se não lembrava ou não queria lembrar-se, que era da Opera Comica de Paris, que nos tinha vindo o *Romeu e Julietta*, a *Carmen*, a *Mignon*, que nos tinha vindo ainda no anno passado a Emma Nevada e o tenor Talazac.

E foi com todas estas prevenções, quasi hostis do publico, que a Van Zandt debutou, foi com essas prevenções, que ella triumphou brilhantemente, gloriosamente em toda a linha; triumpho tão completo, tão irrefutavel, que no fim do primeiro acto da *Mignon* já ninguem se atrevia a pôr em duvida o extraordinario merecimento da artista, a contestar a justiça da sua grande fama.

E effectivamente bastava o desempenho da Van Zandt n'esse primeiro acto da opera de Ambroise Thomas, para se ver que ella era uma artista primorosa, completa, como ha raras no mundo lyrico, como rarissimas tem apparecido no palco de S. Carlos.

A *Mignon* representada pela primeira vez em S. Carlos em 1877, tem n'estes onze annos decorridos sido cantada em varias épocas por artistas mais ou menos distinctas, algumas mesmo de grande nomeada como a Fricci, que foi entre nós a creadora do poetico personagem de Goethe, que Ambroise Thomas poz em musica.

Este anno mesmo, uma artista chamada a grande futuro, a juvenil e a gloriosa Regina Paccini, essa *virtuose* prodigio que no anno passado debutou em S. Carlos com um tão inesperado quanto justificadissimo successo, cantou a *Mignon*, em que revelou sensiveis progressos no seu methodo de canto e na sua maneira de representar.

Entretanto apesar da *Mignon* ter sido cantada e representada muitas vezes entre nós, apesar de toda a auctoridade do talento e da arte da Fricci, apesar do successo que a Giuli-Borsi alcançou n'esse papel, póde dizer-se francamente que foi agora, que pela primeira vez o publico de Lisboa viu a *Mignon*.

Até hoje a musica de Ambroise Thomas tinha sido cantada, com mais ou menos voz, com mais ou menos correcção, com mais ou menos *virtuosidade*; a creação deliciosa de Goethe porem, nunca apparecera no palco de S. Carlos. Veiu a Van Zandt e desde que a *Mignon* desce com mau humor infantil da sua carroça de saltimbanca para dançar o passo dos ovos, até que Sperata desmaia amorosa e feliz nos braços de Lothario seu pae e de Guilherme seu noivo, o publico viu sempre deante de si a encantadora figura que o poeta allemão sonhára, comprehendeu finalmente o grande drama de amor e de ciume que constitue toda essa opera que elle ate então não entendera.

O publico nunca vira, porque nunca nenhuma das interpretes da *Mignon* lhe mostrára, o que era esse personagem, o que era o poema da opera de Ambroise Thomas, e tanto assim que até agora o successo d'essa opera era sempre para a Fillina, cuja parte musical lhe parecia mais brilhante e por isso cujo personagem lhe parecia o principal, deixando na sombra o vulto da pobre saltimbanca, que se lhe afigurava indeciso e vago.

Era indeciso e vago porque nunca fôra feito, porque nunca o talento d'uma comediante o creára na nossa scena, o transportára do romance para o palco com toda a sua poderosa individualidade poetica e original.

Veiu a Van Zandt e a *Mignon* surgiu radiosa aos olhos dos espectadores maravilhados, elevando-se acima de todos os outros personagens da peça, dominando toda a opera como todo o romance de Goethe é dominado por essa figura adoravel e genial que vive de ha muito, na região luminosa da arte a vida immortal das Ophelias, das Margaridas, das Desdemonas, das Juliettas.

E a grande superioridade da Van Zandt sobre todas as grandes celebridades lyricas que temos admirado está precisamente n'isto—no seu grande talento de comediante.

A sua voz é lindissima, d'um bello timbre, extensa e chrystalina, mas não tem o timbre excepcional, unico da voz da Patti; a sua *virtuosidade* é enorme, não ha audacia de vocalisação que assuste a sua garganta privilegiada, e nas mais difficeis e arrojadas *vocalises* tem sempre uma corecção e nitidez de grande artista; mas tambem a Patti e tambem a Nevada fazem essas maravilhas prodigiosas de vocalisação e se não a excedem egualam-n'a bem: agora no que nem uma nem a outra excede, e no que estão muito longe de a igualar é na arte de comediante, é no extraordinario talento de actriz com que ella sabe compôr e realisar os seus personagens, a ponto de que a *Mignon* mesmo sem musica, se Van Zandt a declamasse em vez de a cantar, seria uma obra prima da arte dramatica, uma creação de primeira ordem para qualquer actriz notavel.

Todos estes extraordinarios dotes de comediante e de cantora que fazem da Van Zandt uma celebridade nunca vista entre as que tem vindo á nossa terra, revelou a formosa artista no primeiro acto da *Mignon* e desenvolveu brilhantemente em toda a opera, e tornou a affirmar gloriosamente na *Dinorah* em que se ergueu muito acima de todas as Dinorah mais illustres que n'estes ultimos tempos temos ouvido—entre as quaes se contam a Nevada, a Patti e a Donadio, e que só podemos comparar á primeira Dinorah que se viu em S. Carlos, á extraordinaria Dinorah feita pela Ortolani, uma cantora que assignalou a sua passagem no nosso theatro por duas creações inolvidaveis—a *Dinorah* e a *Mathilde de Schabran*.

Precisamente hoje em que escrevemos, a Van Zandt dá a sua terceira recita em S. Carlos com o *Fra Diavolo* de Auber. Diremos do desempenho do papel de Zerlina, entre nós creado ha 14 annos pela Maria Leon Duval, na proxima chronica.

No theatro de D. Maria houve uma grande festa artistica-nacional, uma homenagem brilhante, á memoria gloriosa de Emilia das Neves.

A empreza do theatro de D. Maria desejava na noite da inauguração do busto da grande actriz portugueza, para que a festa tivesse todo o caracter d'uma festa nacional, fazer representar uma peça original—*O Duque de Vizeu*, do sr. Lopes de Mendonça; mas como a doença da actriz Virginia não permittisse realisar esses bons desejos representou-se o *Abbade Constantino*.

O espectaculo começou pela coroação do busto de Emilia das Neves. Ao levantar do panno appareceu em scena toda a companhia do theatro de D. Maria e alguns artistas d'outros theatros, como a actriz Amelia Vieira e os actores Mello e Joaquim Costa do theatro da Trindade, e os actores reformados, Taborda, Antonio Pedro, Pinto de Campos e Moreira, cercando um busto de Emilia das Neves, de gesso bronzeado que no meio da scena se erguia sobre um pedestal coberto de corôas de louro, de violetas e de perpetuas.

A orchestra executou então uma marcha funebre composta expressamente pelo seu regente, o maestro Gaspar, e em seguida recitaram curtas poesias allusivas, a actriz Carolina Falco, uma poesia de seu filho o sr. Augusto de Lacerda, a actriz Rosa Damasceno, uma poesia do sr. Fernando Caldeira, os actores João Rosa e Augusto Rosa, duas poesias do sr. Lopes de Mendonça e por ultimo o actor Brazão uma outra poesia de Fernando Caldeira.

Essas poesias todas ellas muito bem feitas e muito bem recitadas, tiveram todas o mesmo defeito — serem excessivamente curtas.

Recitada a ultima poesia todas os artistas depozeram no pedestal do busto de Emilia das Neves, ramos de flores, a orchestra repetiu a mesma marcha e o panno cahiu no meio dos applausos do publico.

Foi uma cerimonia extremamente rapida, e mais rapida ainda a da inauguração do busto, no salão de entrada do theatro.

Esse busto em marmore, uma bella obra d'arte devida ao cinzel glorioso de Soares dos Reis, está collocado sobre um pedestal de pedra no atrio, sob o arco da esquerda do salão, em face do busto de Garret que foi agora collocado sob o arco da direita.

Terminada a cerimonia do palco, os directores da sociedade emprezaria do theatro de D. Maria vieram ao salão, acompanhados pelos outros artistas e tiraram a cortina que envolvia o busto de Emilia das Neves.

Causou certa estranheza no publico esta inauguração silenciosa, tanto mais que se esperava que alguns dos nossos mais illustres e antigos auctores dramaticos saudassem com algumas palavras de preito á memoria da grande actriz, o descobrimento do seu busto, mas as coisas não tinham sido bem combinadas, e muitos dos auctores dramaticos e homens de lettras que tinham sido convidados para a recita, conversavam na sala e nos corredores, sem saberem se quer que no salão se estava procedendo á cerimonia da inauguração do busto de Emilia das Neves.

A empreza dirigiu convites especiaes a todos os auctores de peças originaes representadas no theatro de D. Maria, e quasi todos compareceram em *toilette* de gala, a prestar essa ultima homenagem á memoria saudosa da grande actriz.

Em todas as cadeiras da platéa e dos camarotes estavam exemplares d'uma poesia do sr. Candido de Figueiredo, a Emilia das Neves, deseseis quadras em que se recordam todos os grandes papeis, que a illustre actriz illuminou na scena com o fulgor do seu poderoso talento.

A concorrencia do publico ao theatro foi grande; entretanto parece-nos que esta cerimonia teria tido mais brilho e imponencia, se em vez de ser intercalada n'uma recita publica, a inauguração fosse feita isoladamente, n'uma *matinée* por exemplo, e unicamente por convite.

Em todo o caso a grande obra de justiça está feita; Emilia das Neves tem o seu busto no theatro portuguez, de que ella foi uma das estrellas de maior grandeza. Agora falta n'aquelle theatro o busto d'um outro grande artista, d'aquelle que foi um actor excepcional e um excepcional mestre — o busto de José Carlos dos Santos.

Que essa divida sagrada se pague em breve.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

FRANCISCO JOSÉ I

IMPERADOR DA AUSTRIA

Sua magestade Francisco José 1, o imperador da Austria, apostolico rei da Hungria e da Bohemia, da Dalmacia, Croacia, Esclavonia, Galizia, Ludomiria e Illyria, rei de Jerusalem, etc, é o filho primogenito do archiduque Francisco Carlos e da archiduqueza Sophia, filha do rei da Bavie-

ra, Maximiliano José I. Nasceu em Schönbrunn a 30 de agosto de 1830.

Referem os seus biographos que elle promettia realisar no futuro as mais lisongeiras esperanças, ainda durante a meninice, em que serviu de assumpto principal a um quadro encantador de Pedro Fendi.

A educação militar do joven archiduque foi confiada ao coronel Francisco Ritter de Hauslab, que era auxiliado n'essa melindrosa tarefa por outros officiaes, Sachs, de cavallaria, Ertel de Seau, de infanteria, e Gissl, de engenharia. Para o aperfeiçoamento dos seus estudos concorreram tambem muito os distinctos militares Löschner e Cybulz, Singer, Wüstefeld, Streffleur, e o barão Smola, que lhe ensinaram especialmente as diversas tacticas.

Contava apenas treze annos quando a 4 de março de 1843 o imperador Fernando I o nomeou coronel do regimento de dragões n.º 3. No anno seguinte foi pelo mesmo soberano agraciado com o Tosão de Ouro, sendo collocado em 1847 no regimento de hussares n.º 1. Já em 1844 o rei da Prussia lhe havia conferido a ordem da Aguia Negra, e o imperador da Russia, em 1846, a de Santo André.

Ficou memoravel o dia 16 de outubro de 1847 em que o archiduque Francisco José, em grande uniforme dos hussares imperiaes, abriu o parlamento ungaro. Ahi manifestou, pela vez primeira, a firmeza e a dignidade que o tem acompanhado em todos os actos da sua existencia. Proferiu no mais puro e fluente ungaro o discurso de abertura que até então era uso ser escripto em lingua latina. Foi indescriptivel o enthusiasmo! E por essa occasião se soube que o illustre principe fallava correntemente todas as linguas do vasto imperio, a cujos destinos veiu a presidir.

A 29 de abril de 1848 o archiduque Francisco José foi para o acampamento do marechal conde de Radetzky com o fim de obter os seus primeiros louros, e a 6 de maio d'aquelle anno recebeu o baptismo de fogo na batalha de Santa Lucia. Por essa occasião Radetzky escrevia ao ministro da guerra: «Eu proprio fui testemunha ocular de como uma bala de canhão cahiu a pequena distancia deante do archiduque, sem que por isso elle fizesse o menor movimento.»

Chegado á maioridade no dia 1 de dezembro de 1848, o archiduque Francisco José subiu no dia immediato ao throno de seus avós, com dezoito annos de edade, em consequencia da abdicação de seu tio Fernando I e da desistencia da successão á coroa por parte de seu pae.

As guerras que muitas e variadas circumstancias, que não é possivel resumir n'este logar, o levaram a sustentar briosamente no dilatado territorio de seus reinos, vieram cabalmente demonstrar quanto fôra bem dirigida a sua educação, á qual por esse motivo nos referimos particularmente. Pois quer em terra, quer no mar, e tanto da primeira guerra em 1849, como da ultima em 1866, é por sem duvida que muitas corôas de gloria enfloraram galhardamente as armas austriacas. Que o digam a batalha campal de Novara e a naval de Lissa!

Na sua ultima viagem pela Europa, no verão passado, el-rei D. Luiz esteve na Austria e, por essa occasião, recebeu de S. M. o imperador Francisco José os mais claros testemunhos de amizade, consideração e respeito, entre os quaes cumpre mencionar a distincta honra que lhe foi conferida de coronel honorario do regimento austriaco de infanteria n.º 5.

Para corresponder a esta elevada distincção, el-rei D. Luiz, em carta regia de 18 de outubro de 1888, publicada na ordem do exercito n.º 25 de 20 do dito mez, offereceu a sua magestade o Imperador Francisco José o posto de coronel honorario do regimento portuguez de infanteria 5, offerta que este monarcha acceitou, em virtude do que foi publicado o decreto de 24 do referido mez, determinando que aquelle corpo passasse a denominar-se: Regimento n.º 5 de infanteria do Imperador d'Austria, Francisco José.

O exercito portuguez tem hoje a subida honra de contar o nome do imperial monarcha na lista dos seus officiaes.

A VILLA DE MOSSAMEDES

Mossamedes é hoje uma das terras mais florescentes das possessões portuguezas na Africa Occidental, datando a sua fundação dos annos de 1840, anno em que pela primeira vez o governo de Angola estabeleceu officialmente relações com os sobas d'aquella região Mussango, Quiatema e Giraúlo, os quaes acceitaram relações de commercio e amisade com a rainha de Portugal, do que se lavrou um auto a 13 de agosto d'aquelle anno, representando n'esse acto o governo portuguez, Pedro Alexandre da Cunha, commandante da corveta *Isabel Maria*, a bordo da qual fôra a expedição portugueza, e João Francisco Garcia, chefe da dita expedição e capitão-mór de Benguella.

Ordenára esta expedição o capitão-general de Angola, barão de Mossamedes.

A este tempo, porém, já se achava estabelecida em Mossamedes uma feitoria portugueza pertencente a um negociante de Benguella; mas o governo destinou ao principio esta possessão para presidio de degradados, e só mais tarde é que pensou em a colonisar com gente livre, em vista das informações que teve, de ser Mossamedes região muito salubre e fertil.

Para isso organisou uma primeira expedição de colonos portuguezes, recrutada em Pernambuco, onde muitos luctavam com a miseria e com as perseguições que lhes moviam os naturaes, e que são bem conhecidas dos portuguezes que se achavam no Brazil nos primeiros annos que se seguiram á independencia d'aquelle paiz.

O governo portuguez subsidiou esta expedição dando passagem gratuita aos colonos e facultando-lhes os meios de se estabelecerem em Mossamedes. Esta expedição teve por chefe Bernardino Freire de Figueiredo Alves e Castro, e partiu de Pernambuco, a bordo da barca *Tentativa Feliz* e do brigue *Douro*, em maio de 1849, chegando a Mossamedes em 4 de agosto do mesmo anno.

Foi quasi frustrada, porém, esta primeira expedição, porque o tempo não favoreceu a cultura, unica fonte de que deveria viver a nova colonia, e a fome e toda a sorte de difficuldades reduziram os colonos ás mais tristes circunstancias, em que não faltaram as doenças e a morte que victimou uma grande parte d'elles, em quanto outros fugiram em busca de melhor fortuna.

No anno seguinte, 1850, organisou-se em Pernambuco uma nova expedição, para occorrer ás despezas da qual se fez uma subscripção, sendo o seu chefe José Joaquim da Costa. Esta expedição partiu a bordo da barca *Bracarense* e do brigue *Douro* e chegou a Mossamedes a 21 de novembro de 1850.

Esta colonia tambem não foi bem succedida, e d'esta vez por culpa do governo, que lhes retirou a sua protecção e a deixou ao abandono.

O desanimo apoderou-se da maior parte dos colonos, procurando alguns outro destino, e os poucos que ficaram em Mossamedes luctaram corajosamente com a adversidade sendo, entretanto, estes que fundaram a colonia que hoje floresce n'aquella parte de Africa, e dos quaes bem poucos restam.

A villa de Mossamedes é a capital do districto do mesmo nome, o qual tem por limites ao norte o districto de Benguella, ao sul o rio Cunene, ao oéste o Oceano e a éste os rios Cunene e Cubango.

Ao sul a ponta do Noronha e ao norte a do Giraul formam uma explendida bahia denominada *Angra dos Negros*, que serve de porto a Mossamedes, onde os navios de maior lotação podem fundear com segurança e bom abrigo.

Está edificada a villa n'um extenso areal, e é formada por quatro grandes ruas parallelas á margem da bahia e atravessadas, em angulos rectos, por outras ruas formando quarteirões de casas em rectangulos de 100 metros por lado.

As edificações são na maior parte de um só pavimento, avultando grandes armazens depositos de generos.

Junto á praia tem uma praça onde é o mercado. Em uma outra praça vê-se um modesto monumento erigido á memoria do marquez de Sá da Bandeira, e consta de uma columna de pedra lisa, assente sobre uma pequena base gradeada. Uma outra praça é o jardim publico com seu lago ao centro.

Parte das ruas e as praças são todas arborisadas com elegantes palmeiras, assim como illuminadas a petroleo.

É de agradavel aspecto a villa e o seu clima temperado é extremamente favoravel aos europeus que ali vivem e criam familia como na Europa.

São a estas excellentes condições de clima e á fertilidade extraordinaria do solo, que Mossamedes deve o seu rapido desenvolvimento.

A população de Mossamedes attinge aproximadamente 500 habitantes brancos, não incluindo as praças do batalhão de caçadores n.º 4.

Tem um bom edificio para a alfandega, casa da camara e escola, cadeia e hospital novo. Na parte superior da villa está a fortaleza, a egreja e mais edificios importantes.

O districto de Mossamedes compõe-se de seis concelhos, que são: Mossamedes e as propriedades agricolas do Coróque, S. Nicolau, Carumjamba e outras, as pescarias do porto Alexandre e da bahia dos Tigres; Bumbo, composto do Capagombe, Biballa, Munhino e outros, e a parte baixa da serra Capamgombe e Munhino; Huilla, com a missão da Chibia Palanco; Humpata com a colonia Sá da Bandeira, no Luango; Gambos e Humbe.

SÉ DE FARO

Faro é a capital da provincia do Algarve e cidade episcopal da mesma provincia.

A sua sé, de que publicâmos a gravura a paginas 285, não é um monumento architectonico que se recommende pelas suas bellezas, mas pela sua antiguidade onde se descobre vestigios dos godos, que, segundo parece, foram os seus fundadores.

Esses vestigios encontram-se na sua porta principal e em duas capellas lateraes de estylo gothico, restos da primitiva fabrica que o terremoto de 1755 derrubou em grande parte, deixando intacta, ao que parece, a torre que serve de atrio á egreja e que se vê na nossa gravura.

Esta torre é evidentemente de construcção posterior ao primitivo edificio e talvez fosse feita no reinado de D. Affonso III quando conquistou o Algarve aos mouros, e cercou de grossas muralhas Faro para defeza de novas invasões dos serracenos, que muito lhes custou o abandonarem aquelle paiz.

É a sé de Faro um edificio vasto, ainda que simples em sua construcção, tendo interiormente tres grandes naves ao fundo das quaes ha tres capellas, sendo a architectura da ordem jonica.

Serviu de mesquita aos mouros quando habitaram o Algarve, e pela expulsão d'estes foi depois destinada ao culto christão, sendo o seu orago Santa Maria da Ordem de S. Thiago, até 1677, em que de Silves foi para aqui transferida a Sé.

Ergue-se este edificio na praça denominada da Sé, na parte mais antiga da cidade, conhecida pelo nome de *Santa Maria de Faraon*.

Como dissemos, pouco existe da primitiva construcção, pois, além do damno que soffreu com o terremoto de 1755, já em 1596 fôra distruida em parte pelo incendio que os inglezes lançaram a Faro, com o qual não só este mas outros edificios ficaram destruidos, e os archivos da cidade.

As diversas reedificações foram feitas pelos bispos D. Francisco Barreto, D. José de Menezes, D. Simão da Gama, D. Antonio Pereira da Silva e pelos conegos Domingos Pereira da Silva, Gaspar da Motta e arcediago D. José da Gama, e de todos estes varões se vêem as armas collocadas nos arcos das capellas por elles mandadas reedificar.

Possue ainda esta Sé magnificos paramentos e alfaias de grande valor, que felizmente escaparam á cubiça dos soldados de Napoleão quando, em 1807 invadiram a peninsula.

BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Representa a nossa gravura da pagina 288 a vista exterior da bibliotheca da Universidade de Coimbra, edificação sumptuosa, mandada fazer por el rei D. João V.

No III volume do OCCIDENTE, a paginas 1 e 2, publicâmos uma gravura reproduzindo a sala da bibliotheca de Coimbra, e o artigo que acompanha essa gravura é bastante minucioso sobre este importante estabelecimento, que faz parte da Universidade.

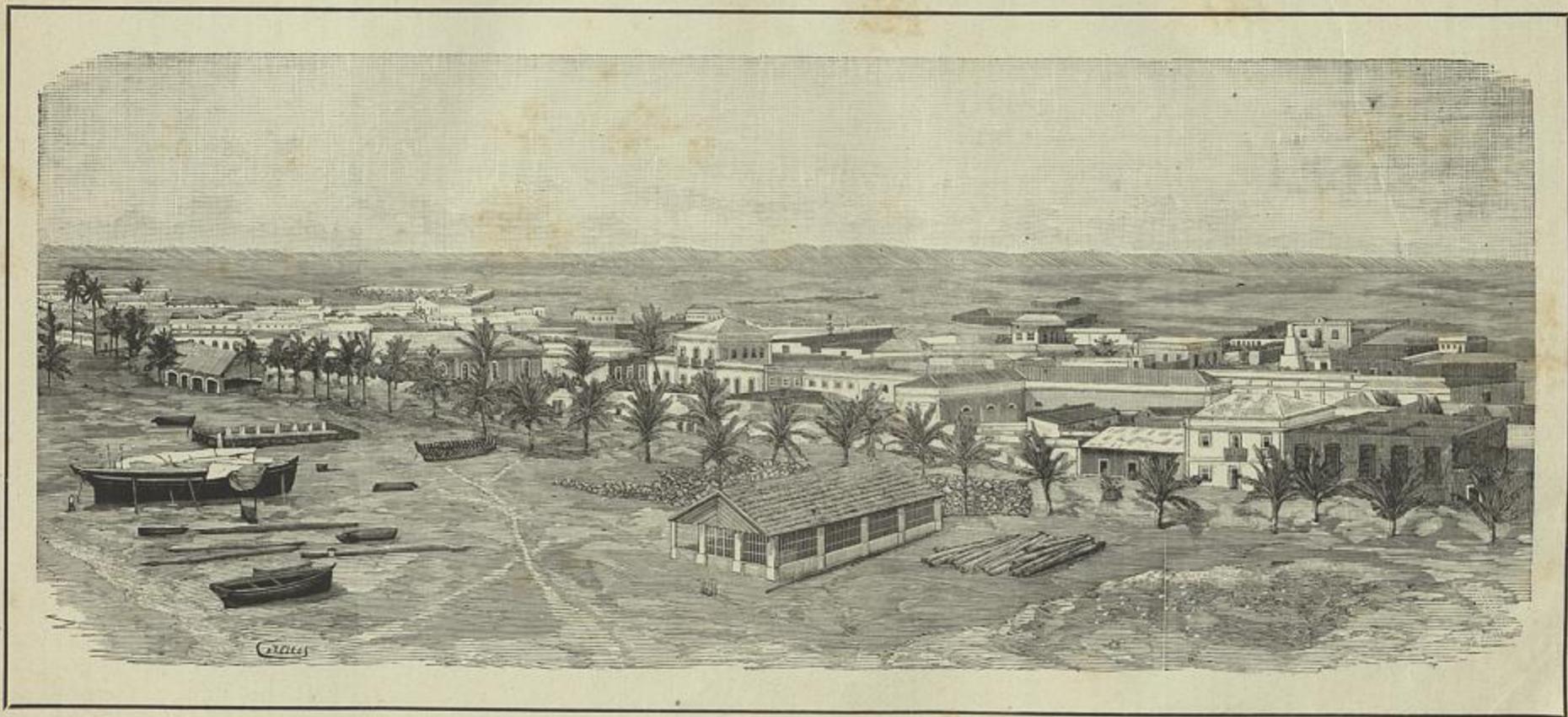
Descreveremos, portanto aqui, apenas a sua entrada magestosa a que os brios e magnificencia do seu fundador souberam dar toda a sumptuosidade que distinguem as suas obras

No livro *Les Arts en Portugal* do conde de Raczynski encontramos um testumunho insuspeito do que affirmamos, quando diz, referindo-se á bibliotheca da Universidade: *Ce fut Jean V qui fonda la bibliothèque de l'université, la plus belle, la plus richement ornée que j'aie jamais visitée.*

O portico é da ordem jonica, decorado com relevos, tendo na parte superior as armas reaes de D. João V primorosamente esculpidas.

No friso do entablamento vê-se gravado o seguinte verso latino:

Hanc Avgvsta dedit libris Collimbria sedem,
Vt capvt exornet bibliotheca svvm.

que o erudito latinista sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, traduziu assim:

AFRICA PORTUGUEZA—Vista geral de Mossamedes

(Segundo uma photographia de Moraes)

Tal séde aos livros deu Collimbria augusta,
Que a fronte lhe corôa a bibliotheca.

Sob a archivolta lê-se esta outra legenda, em uma fita de metal:

Lusiadae, hanc vobis sapientia condidit arcem:
Drctores libri; miles et arma labor.

que o auctor referido traduziu:

Da sapiencia, ó Lusos, eis o alcaçar:
Onde por capitães os livros tendes:
Por armas e soldados a fadiga.

Pelo lado interior da porta lê-se a seguinte inscripção, tambem gravada sobre lamina de metal:

Pandvntvr cvnctis excvlta palatia libris:
Hvc ades; avctores consvle, doctvs eris.
Haec tibi pro stvdiis et lex et norma tenenda est:
Mens legat, observet sedvla; penna notet.

que traduziu:

A todos este passo se franqueia,
De livros adornado: aqui entrando,
Os escriptores lêde, e sereis douto.
E para o estudo vosso a norma é esta:
—Lêa e medite a mente; aponte a penna—

CONTOS DE HOJE

I

(AO MEU AMIGO DR. SILVA GAYO)

Na grande vida ou no pequeno meio, o amor é sempre essa creança rosada, imprevidente, generosa e encantadora, produzindo sonhos côr de esmeralda, mas que, por fim, se esbatem gradualmente para os brumosos matizes da desillusão. E os adoradores sinceros d'esse deus—em cujas aras, de resto, toda a humanidade, não deffendida contra o primeiro deslumbramento, vae por seu turno queimar as galas primaveraes—adormecem sob o doce perfume de esperanças, rapidamente desfolhadas ao sopro devastador do Positivismo...

É preciso, porém, não esquecer que se o tempo ainda hoje adorna, esses adoradores, com os brilhantes recursos da mocidade, em breve... amanhã, talvez!... os annullará a realidade implacavel.

Comme vous êtes loin paradis parfumé;
Où sous un clair azur tout n'est qu' amour et joie.
Où tout ce que l'on aime est digne d'être aimé!
....

Assim o diz Baudelaire. Porém as nossas queridas compatriotas é que parecem querer aproximar de si, um tanto precipitadamente, o tal *loin paradis*, em risco mesmo de o destruirem.

Vejamos:

E, a proposito, vou contar um caso succedido comigo proprio, ha bastantes annos, que talvez nos revelle a verdade do que affirmamos, provando que a mulher nova, ou da edade das de Balzac, deseja saber sem delongas se o paraiso é perfumado e se lá, sob o bello Azul de que nos falla o auctor das *Fleurs du mal*, tudo é amor e tudo que amamos é digno de ser amado.

E o facto que n'estas linhas recordo vae mostrar-nos, com pezar nosso, o que por mais de uma vez temos sustentado: que a educação da mulher tal como está, apenas a dispõe para classificar o homem que, atravez de todos os obstaculos levantados pelos preceitos de um generoso caracter e uma sã educação moral, não accede *in continente* a todos os seus caprichos,—por este cru adjectivo:

—Parvo!

O qualificativo é um pouco brusco. Comtudo é bom sempre lembrar que foi usado com muito successo pelo auctor dos *Contos matutinos*, o inspirado e inolvidavel discipulo de Garret, no ultimo verso do episodio intitulado o *Caçador e a Tapuya*.

Ora foi precisamente este livro de Gomes de Amorim a causa de eu modificar certa intimidade elevadamente moral, com uma linda *mignonne* de vinte annos, possuindo a graça encantadora das pastorinhas de porcelana dos celebres Grison e Tevenet. Emfim, o certo é que este exemplar da inquietação nervosa do nosso seculo, quasi me tinha convencido de se poder amar a mulher pelo systema de Platão, sem seguir absolutamente o rigorismo dos ultimos tempos do philosopho Abéllard.

Deparára-se-me afinal, na formosa menina o procurado platonismo,—a reflexão d'uma alma n'outra—e por conseguinte eu não avançava mais do que o restrictamente estabelecido pelo austero *amicus Plato*.

Delicioso hypnotisamento! Foi decerto o melhor tempo da minha vida.

Pode avaliar-se por isto: era tal o goso que a seu lado sentia, ouvindo-a, fallando-lhe, que procurava quando me dirigia a casa d'ella grandes rodeios, para recordar todos os encantos da entrevista anterior e chegar lá quente d'enthusiasmo, vibrante de sensação... demorava a hora apetecida de a vêr, como um bom apreciador de vinhos vae demorando o conteudo do seu copo bebendo-o gole a gole, e, para que a volupia seja maior, vae sorvendo lentamente os cantos da bocca onde adherem como rubis, alguns aljofares da bebida dilecta de Noé........

Uma tarde—ai! uma tarde!...—quasi todas as desgraças amorosas são de tarde. Naturalmente deve ser porque de dia só os vadios podem amar.

Ella começava de impacientar-se....

Estas cousas não esquecem, são duras lições. Ella, a minha innocente amiga, uma tarde, talvez ás oito horas, apontando-me para o livro de Gomes Amorim aberto na canção a que me referi, deixou cahir destrahidamente, sem intenção estas palavras:

—Parece haver n'estes versos uma allusão directa ao nosso proceder...

E a sua mão branca, com o anilado patricio das *dogaressas* mostrava-me o seguinte:

....
«Meu branco aprenda a caçar;
Quem deseja caça fina,
Deve-a saber farejar!»

EGREJA DA SÉ DE FARO (Segundo uma photographia)

— Oh!?... fiz, estonteado pelo attaque de surpreza.

Attaque á minha boa fé!

Estava preparado para tudo, menos para uma surpreza d'aquella ordem. Fiquei assombrado... o *caçador* era... eu!

Adeante, Gomes de Amorim, explicava o facto de um modo que parecia revolver-me um punhal na ferida...

> «Era a caça quem caçava
> Ao cego do caçador!...
> Quem tão pouco vê, não sabe
> Qual caça tem mais valor.»

Pareceram-me de fogo, n'aquelle momento, os versos!

Depois d'isto jurei não mais ver na mulher senão o que ella é, e não o que eu pensava ella devia ser.

O demonio leve Platão e mais as suas theorias de respeito e amor; fiquei bem aviado. Não tem duvida.

E querem saber o que o poeta da *Tapuya* chamava ao caçador branco?

Vão ver:

> « . . . e na selva
> Para sempre se occultou;
> Mas o caçador das duzias
> Parvo da caça ficou!

E ella, a minha innocente amiguinha, fitando-me silenciosa n'um olhar profundo, dominador, conservava a sua mão branca, fina, d'um azulado patricio, sobre a quadra de Gomes de Amorim...

Bem dizia a duqueza de Noailles, ha uns bons dois seculos: — Já não ha creanças!—» E referia-se ao duque de Richelieu quando este, tendo apenas quinze annos, queria por força que lhe dessem p'ra ali a noiva. Hoje com maior propriedade o diria se alludisse ás nossas gentis patricias.

Creanças-mulheres não podem deixar de tornar-se em mulheres-creanças.

E eis de certo a razão por que hoje já não temos, nem mulheres nem creanças.

Manuel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

X

E a mãe da Alicesinha não voltava a si.

Eram gritos medonhos, uivos estridentes acompanhados d'um esbracejar epileptico, que fazia andar n'uma dança todos que d'ella se aproximavam.

— Ó papá! papá! Accuda-lhe! supplicou a Ignacinha ao seu progenitor, já muito nervosa com aquillo tudo.

— Desmaiar na casa alheia, á meia noite e tres quartos! Forte descôco! resmungava elle zangado, sem se mecher.

— Ande, papá, vá lá ver se a faz socegar, continuava implorando a Ignacinha.

— Eu não vou lá fazer nada! Não me entendo com cheliques!

— Ó sr. Leitão! sr. Leitão! veiu pedir o Quim Barradas, impellido pela Alice afflicta, tem alguma coisa que se lhe dê?

— Eu? Só se fosse uma sova! respondeu a meia voz, muito mal humorado, o Leitão. Um faniquito a estas horas!

— Então, papá, seja humano! insistiu a Ignacinha.

— Não póde ser, gracejou o Dominguinhos, que no meio d'aquella balburdia toda conservava uma indifferença olympica de homem superior.

— Não póde ser porque? perguntou a Ignacinha muito espantada, sem comprehender.

— Porque se elle fôr *o mano*, deixa de ser o papá! explicou o Dominguinhos rindo muito do seu judicioso trocadilho.

O Quim Barradas indignára-se com aquella graçola do ex-namorado da sua namorada actual, no momento solemne e angustioso em que a mãe da Alice esperneava guinchando, e não se poude conter que lhe não retorquisse, correcto, delicado, mas severo:

— Acho pouco azada a occasião para chacotas, cavalheiro!

O Dominguinhos fez-se vermelho, endireitou-se muito, e tomando ares graves de Cassagnac, respondeu-lhe, pondo o monoculo:

— Chamo-me Domingos Pereira e moro na calçada do Caldas, 307.

O Quim embatucou com esta resposta inesperada, e tornou com um sorriso amavel:

— E eu moro nas Olarias, 25, uma casa ás suas ordens.

E os dois fitaram-se um momento.

O Leitão que ouvira este estranho e rapido dialogo, quiz deitar agua na fervura, e agarrando o Quim, disse-lhe:

— Vamos lá ver o que ella tem! Então o que se lhe ha de dar?

E acompanhado pelo Quim, dirigiu-se para o grupo, onde a mãe da Alice distribuia prodigamente uma abbada de soccos e de pontapés.

A sr.ª Leitão, posta já de largo por causa das duvidas, continuava a desfazer-se em explicações, contando como aquillo fôra, como lhe déra o ataque, sem que ella para ahi mettesse prego nem estopa, patenteando bem toda a sua innocencia n'aquelle negocio.

Apesar, porém, d'essas explicações, o marido não poude deixar de lhe dizer com certa amargura:

— Ora tu sempre fazes coisas!

— Eu! gritou a sr.ª Leitão muito embespinhada. Ora essa! É o que me faltava ouvir. Então tu, meu pateta...

— Bom! bom! nada de discussões, atalhou logo o sr. Leitão, receiando envergonhado a catadupa de insultos que d'ali viria, a julgar por aquelle principio, deixemo-nos de discussões e vamos ás obras. Já a borrifaram?

— Não, senhor, ainda se lhe não fez nada, informou uma das pessoas que faziam roda.

— Pelo amor de Deus! Isso é que deviam ter feito logo...

— Porque? já será tarde? perguntou assustada a menina Alice.

— Não é nada cedo, está a cahir uma hora, tornou o sr. Leitão.

E voltando-se para a esposa, pediu:

— Ó menina! vê se me arranjas um copo d'agua, para acabarmos d'aqui com isto.

Veiu o copo d'agua.

O sr. Leitão tomou um bochecho, e acercando-se então da desmaiada, que estava com os olhos fechados, mas quieta, sem bracejar nem pernear, borrifou-lhe a cara.

O remedio foi bem applicado, porque fez logo effeito.

Ella começou a abrir os olhos preguiçosamente.

— Vêem! disse o Leitão triumphante para as pessoas que o rodeavam.

E inclinando-se para a doente, com o copo na mão, perguntou-lhe muito carinhoso, muito amavel:

— Então, sr.ª D. Rita, como vae? Já se sente com forças de ir para a sua casa? Está melhorsinha, não es...

Mas não teve tempo de concluir a pergunta, porque a resposta veiu logo de subito, inesperadamente, tapar-lhe... os olhos!

Na sala echoou uma sonora bofetada, seguida immediatamente do grito: «Ai!», do tilintar de vidros que se quebram, e do grito: «Oh!», tudo tanto ao mesmo tempo, que quasi constituiu um unico som.

A D. Rita respondera á pergunta do Leitão com uma valente bofetada, que lhe fizera ir pelo ar o copo que tinha na mão, encharcando-o todo e fazendo-se em migalhas no sobrado.

O Leitão recuou furioso, afagando com a mão a face d'onde quasi que rebentava o sangue.

— Então, não borrifa mais a mamã, sr. Leitão? perguntou a menina Alice.

— Borrife-a, borrife-a, supplicou o Quim Barradas.

— Borrife-a o senhor, tornou fulo o Leitão a escorrer em agua, que tal está o da rabeca, quem tem bocca não manda borrifar.

Mas a D. Rita não precisava de mais borrifos.

Completamente restabelecida, erguera-se, e correndo atraz do Leitão agarrava-se a elle, clamando em altos gritos:

— Sr. Leitão! sr. Leitão! Sua senhora desmaiou-me!

— Ó minha senhora, mas o que quer que eu lhe faça!

— Não é costume convidar visitas para casa, para as desmaiar! ponderou ella energica e azeda.

— Pois sim, minha senhora, mas tambem não é costume andar uma pessoa a desmaiar pelas casas alheias!

— Ah! o senhor ainda em cima me censura!

— Eu não censuro nada...

— Este senhor não censura, cita factos, appoiou o Dominguinhos que, tendo durante o desmaio da mãe da Alice feito as pazes com a Ignacinha, estava agora Leitão até á raiz dos cabellos.

— Exactamente, eu cito factos, repetiu o Leitão sem saber o que queria dizer isso.

— Não faz recriminações, faz historia, continuou o Dominguinhos.

— Isso mesmo, eu faço historia.

— Tschi! Tschi! Tschi! então! sem cerimonia! queira entrar!

— Tschi! Tschi! saltou logo indignada a D. Ephigenia que ouvira isto, meu filho não pertence á raça canina, ouviu sr.ª D. Rita?

E depois voltando-se irada para seu marido, gritou, fazendo queixa:

— Ó Pereira! Pereira! Olha que estão fazendo tschi, tschi, ao teu filho!

— Tschi, tschi, ao Dominguinhos? perguntou o Pereira, não se podendo capacitar de que houvesse alguem que tivesse essa ousadia.

— Deixe lá! deixe lá! aconselhou desdenhoso o Dominguinhos a sua mãe, ella faz-me tschi, tschi, porque viu que eu não queria fazer parte da sua matilha.

— Matilha! exclamou fula a D. Rita, apanhando no ar o insulto. Matilha! Ó Alice, Alice, ouviste o que disse este troca tintas!

— Troca tintas! recalcitraram em *tercetto* ameaçador o Dominguinhos, o sr. Pereira e a D. Ephigenia.

— Troca tintas! continuou esta tomando logo o seu desforço, troca tintas seria seu pae que era droguista!

— Hein? pois atreve-se... berrou crescendo para ella a D. Rita com os olhos injectados de sangue.

— Então! então! mamã! interveiu a Alice segurando-a.

— Então! sr.ª D. Rita! supplicou muito atrapalhado o Leitão, não se aventurando a approximar-se.

— Atrever-se a abocanhar os manes do teu avô, Alice! gritou dolorida a D. Rita. Eu suffoco! Ai! Ai! Tapem a bocca a essa mulher que eu morro!

E por uma reviravolta subita foi cahir em cheio nos braços do Leitão.

— O que é isto? o que vem a ser isto? exclamou elle atterrado.

— Quem vae á guerra dá e leva! sentenceou muito saccudida a D. Ephigenia.

— Tapem-lhe a bocca! Tapem-lhe a bocca! gemeu supplicante o Leitão aos convidados, amparando n'um dos braços a D. Rita e apontando com a outra mão para a mãe do Dominguinhos. Tapem-lhe a bocca, senão esta torna a desmaiar outra vez, e temos historia para toda a noite.

Mas a recommendação fôra tardia, e a mãe da Alice volvera de novo a perder os sentidos, e baqueava para o chão como um corpo morto, fazendo quasi estender o Leitão desprevenido no meio da casa.

A Alice banhada em pranto atirou-se soluçante aos pés de sua mãe; o Quim pegou-se outra vez com o Dominguinhos; a sr.ª Leitão debruçava-se sobre a desmaiada batendo-lhe nas mãos; as outras visitas aconselhavam remedios:

— Abram a janella! diziam uns.

— Tragam-lhe agua! diziam outros.

— Dêem-lhe ar!

— Vinagre nas fontes!

— Ether! Ether é que era bom.

— Desapertem-n'a!

— Abanem-n'a!

— Mettam lhe os pés em agua a ferver!

— Agua fria! Agua fria!

A Ignacinha corria d'um lado para o outro, muito atrapalhada, procurando não sabia o que, e murmurando n'um plangente tom lamentoso:

— Que dia d'annos! Que dia d'annos!

A confusão era enorme.

A irmã do Quim, que era muito conciliadora, ha que tempos que procurava conciliar todos, mas não conseguia conciliar coisa nenhuma.

Por ultimo, vendo o seu irmão quasi engalfinhado no Dominguinhos, puchava-lhe pelas abas do fraque, implorando tragica:

— Ó mano! mano! não se desgrace! mano, por quem é! não se deite a perder!

Por seu lado o Pereira e a D. Ephigenia puchavam pelo filho com ancia.

— Não te mettas em questões! dizia o pae.

— Anda-te embora, menino, não faças caso d'essa gente!

— Eu moro na calçada do Caldas, repetia pela centessima vez o Dominguinhos.

Ao que o Quim repetia imperturbavelmente:

— E eu moro nas Olarias.

E não passavam d'isto; eram estas as fallas que ha dez minutos trocavam iracundos.

De repente, porém, ouviu-se um grito afflictivo. Era o Leitão que exclamava cheio de terror:

— Ai! meu Deus! que vou desmaiar!

A Ignacinha correu logo ao pae.

— O que é papá? o que tem?

— Isto pega-se! dizia elle quasi a chorar. Estou a desmaiar tambem... já me está a fugir a luz dos olhos...

— Não é dos olhos, papá! consolou logo a Ignacinha, é do candieiro... que a luz está a fugir.

— Do candieiro? perguntou o Leitão um pouco mais socegado, abrindo muito os olhos. Então não sou eu que tenho uma syncope?

— Não, senhor, é o candieiro que não tem petroleo.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

Cura da diabetis. Segundo um artigo, que se lê na *Philadelphia Medical News*, parece ter-se descoberto no opio uma excellente indicação para a cura da diabetis, e não só este, como ainda outros alcaloides, a morphina a cocaina, a belladona etc., se tem empregado com bons resultados de cura completa.

Retratos de reis e rainhas portuguezas. Tendo-se procedido na bibliotheca de Evora a uma escolha de retratos portuguezes, entre os muitos que alli existem de nacionaes e estrangeiros, apartaram-se já uma serie de 98 retratos de reis e rainhas de Portugal, e outra serie de 25 retratos gravados por Lourenço Filippe Rosa. Os reis e infantes de que ha retratos são: Conde D. Henrique, D. Affonso Henriques, D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II, D. Affonso III, D. Diniz, D. Affonso IV, D. Pedro I, D. Fernando, D. João I (diversos), D. Duarte (diversos), D. Affonso V, D. João II, D. Manuel (diversos), D. João III (diversos), D. Sebastião (diversos), D. Henrique (diversos), D. Antonio, D. Filippe I, D. Filippe II, D. Filippe III, D. João IV (diversos), D. Affonso VI, D. Pedro, (depois D. Pedro II), D. Theodosio, D. Manoel, D. Antonio, D. José, filho de D. José I (diversos). Rainhas: D. Isabel (santa), D. Maria Anna de Austria (diversos), D. Maria I, D. Maria II. Não nos parece, porém, que muitos d'estes retratos mereçam credito como documentos autenticos, principalmente os que são de epocas mais remotas.

O S. João Nepomoceno das portas de Alcantara. Esta bella esculptura que se via n'um pedestal ás portas de Alcantara, vae ser removida, por ordem da camara municipal de Lisboa, para o museu dos Architectos e Archeologos Portuguezes, estabelecido nas ruinas do Carmo. Esta mudança é feita em consequencia das obras do Caminho de ferro de Cintra e estação de Alcantara, que se estendem até á linha do Tejo a entroncar com o caminho de ferro de Cascaes.

Novo edificio para o correio de Lisboa. O governo abriu concurso para a apresentação de projectos de edificio destinado ao serviço dos correios e telegraphos em Lisboa. O terreno para esta edificação está comprehendido entre a rua 24 de Julho e a projectada avenida marginal, nos terrenos a conquistar ao Tejo, pelo lado norte e sul e a praça D. Luiz e dos Romulares pelo lado oéste e léste. A sua extensão é de 160 metros de comprimento por 100 metros de largura, ou 16:000 metros quadrados. Na direcção geral das obras publicas está patente a planta do terreno para ser vista pelos interessados.

Casamento principesco. Está officialmente declarado o casamento da princeza Helena de Bourbon-Orleans, irmã da princeza Amelia, esposa de sua alteza o principe real D. Carlos, com o grão-duque Aleixo Alexandrevitch da Russia, irmão do czar, seu ajudante e almirante general em chefe da marinha. O grão-duque Aleixo nasceu em 1850, e a princeza Helena em 1871.

Grande ponte no canal da Mancha. Os nossos leitores lembram-se provavelmente de uma noticia que démos ha tempos a respeito de uma grande ponte que se planeava construir entre a França e Inglaterra, pois essa gigantesca obra que parecia uma ambição infundada parece que se vae realisar, estando já feito o projecto definitivo para se pôr em pratica. Esse projecto foi ultimamente approvado pela commissão internacional da França e da Inglaterra. A ponte collosal será construida no canal da Mancha e attingirá a extenção de 37 kilometros de comprimento, elevando-se o seu taboleiro á altura de 50 metros acima do nivel do mar, e sobre cada pilar da ponte terá um pharol. Esta ponte ficará sendo a obra mais gigantesca d'este seculo. O grande prodigio de construcção da torre Eiffel fica a perder de vista depois da ponte internacional da Mancha.

Medicas. A Russia é o paiz em que mais se tem desenvolvido o estudo da medicina pelo bello sexo. Nem menos de 342 mulheres exercem n'aquelle paiz a clinica medica.

Dominio portuguez em Africa. Recebeu-se em Lisboa a noticia de ter no dia 10 do corrente, prestado vassalagem ao rei de Portugal, o regulo Mossula. Esta vassalagem importa o completo dominio de Portugal em todo o litoral norte da provincia de Angola, o que até agora não estava perfeitamente estabelecido, em consequencia da opposição que movia ao dominio portuguez o referido regulo de Mossula e outros, interceptando todas as communicações por terra entre Loanda e o Ambriz. As negociações foram conduzidas de modo que os regulos que se oppunham ao nosso dominio, reconheceram a vantagem da sua desistencia, e submetteram-se ao governo portuguez, incluindo o Mossula que era o mais importante.

Justa homenagem. A associação dos Artistas de Coimbra resolveu por unanimidade, collocar na sala das suas sessões um retrato a oleo do sr. conde de Valenças, seu socio benemerito a quem esta associação deve o mais generoso auxilio. Além de outros importantes donativos que o sr. conde de Valenças tem feito á Associação dos Artistas de Coimbra, ainda ultimamente concorreu com a valiosa offerta de 100$000 para a construcção do mausoleu que a mesma associação mandou erigir á memoria de Olympio Nicolau Ruy Fernandes, seu fundador.

Medalha commemorativa. A colonia portugueza, em Pernambuco, mandou cunhar uma medalha commemorativa da abolição da escravatura no Brazil.

Movimento litterario. No anno de 1887 produziram-se na Allemanha 7:856 livros, que renderam 2.088:000$000; em França 3:880, que renderam 1,527:200$000; em Inglaterra 3:124, que renderam 1,410:000$000; em Italia 2:549, que renderam 1,080:000$000; em Hespanha 1:012, que renderam 145:200$000. Em Portugal não é conhecida a estatistica do movimento litterario, mas quando se fizer não deve esquecer uma casa para as obras que se dão a pedido de varios leitores, que entendem que quem faz livros é para os dar.

Monumento ao infante D. Henrique. A Sociedade de Instrucção do Porto resolveu celebrar o centenario do infante D. Henrique, em 1894, inaugurando um monumento ao iniciador das descobertas dos portuguezes. Para esse fim vae solicitar o auxilio da familia real portugueza, do bispo do Porto e da camara municipal, da Associação Commercial, da Sociedade de Geographia de Lisboa e estrangeiras, e organisar commissões para angariar donativos nas principaes cidades de Portugal e do estrangeiro, incluindo o Brazil.

Principe de Carignan. Falleceu em Turim o principe de Carignan, Eugenio de Saboya, primo de sua magestade a rainha D. Maria Pia, pelo que a côrte portugueza tomou luto. O principe Eugenio de Saboya nasceu em Paris a 14 de abril de 1816. Foi-lhe concedido o titulo de principe de Saboya-Carignan por decreto de 29 de março de 1847, com direito de sucessão ao throno. Era almirante da marinha italiana. O principe de Carignan casou morganaticamente com a condessa de Villa Franca, da qual teve dois filhos, os condes de Soissons e de Villa Franca.

Os portuguezes na Africa. Com este titulo publicou o *Daily-Chronicle*, jornal inglez, uma serie de artigos firmados pelas iniciaes J. M. que são outras tantas diatribes contra Portugal a proposito das auctoridades portuguezas terem tomado posse da bahia de Tungue e do bombardeamento alli realisado pela nossa marinha de guerra. A estes artigos respondeu, no mesmo jornal, logo depois, com outros artigos escriptos em inglez, o nosso amigo e antigo collaborador do Occidente, o sr. Jayme Batalha Reis, actualmente consul de Portugal em Newcastle. A resposta foi brilhante e destruiu pela base todas as falsas accusações que o articulista J. M. dirigira a Portugal, recebendo uma severa lição com respeito aos nossos direitos seculares em Africa. Este facto de na imprensa ingleza serem refutadas por um portuguez as accusações que na mesma imprensa nos são dirigidas, não nos consta que tenha precedentes, e por isso deve ter produzido em os nossos alliados verdadeiro espanto. Honra, pois, ao sr. Jayme Batalha Reis que tão briosamente sahiu a campo em defeza dos legitimos direitos de Portugal.

Garrafas de papel. Uma nova industria acaba de se estabelecer em Chicago, a da fabricação de garrafas de papel. É facil comprehender as vantagens d'esta industria que vem substituir as frageis e pesadas garrafas de vidro. Entretanto não sabemos se estas garrafas terão a imprimiabilidade e duração precisa, para que os vinhos se conservem n'ellas por longo espaço de tempo.

A estatistica em Portugal. O digno chefe da repartição de estatistica geral, dr. A. Eduardo Villaça está procedendo á estatistica do jornalismo, bibliothecas, museus, etc.; — é um trabalho de completa novidade em Portugal. E justo é dizermos que a iniciativa d'esta estatistica se deve unica e exclusivamente ao illustre e infatigavel funccionario que dirige aquella repartição do estado. A *Gazeta de Portugal*, secundada pela maior parte dos nossos collegas de Lisboa e alguns da provincia, manifesta-se de um modo favoravel á ideia do sr. Eduardo Villaça. Por nossa parte, O Occidente que desde a sua fundação tem appoiado todos os desenvolvimentos intellectuaes da nação portugueza, offerece tambem o seu concurso, nas mesmas condições dos seus collegas, áquelle digno funccionario.

Exposição de quadros do «Grupo de Leão». Conforme o costume de ha oito annos a esta parte, abriu no dia 15 do corrente a exposição de quadros do *Grupo do Leão*, nas salas do *Commercio de Portugal*. No dia 14 foi a exposição visitada pelas pessoas convidadas especialmente, não tendo comparecido suas magestades, por causa do mau tempo, e el-rei se achar um pouco incommodado de saude. A exposição d'este anno é das melhores apesar de não ser tão numerosa, pois conta cêrca de noventa quadros. Brevemente o nosso periodico se occupará d'este assumpto, reproduzindo em gravura algumas das obras d'arte que ali se expõem

Palacio para Exposições na Avenida da Liberdade. A camara municipal de Lisboa comprou aos architectos Ernot Finken e A. Leithi de Backenhein a propriedade de um projecto para palacio de exposições que deve ser construido no grande parque da Avenida da Liberdade.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Marrocos por Edmundo de Amicis, traducção de M. Pinheiro Chagas, illustrações de E. Ussi e C. Biseo. Fasciculo 3, em que o auctor descreve a vida em Tanger com todos os singulares costumes que a carecterisam. Muito curioso.

A Imprensa *Revista Scientifica litteraria e artistica*, director litterario Affonso Vargas. Imprensa Nacional, Lisboa. N.º 41 cujo summario é: Questões Sociaes, por Affonso Vargas; Inauguração do bairro operario, por Affonso Vargas; Palacio do Cabo, por Pereira e Sousa; Exposição Industrial Portugueza de 1888; Scepticismo de uma senhora ingleza, por Mario; Historia de um marçano; O amor, por Custodio José Duarte.

Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, David Corazzi editor, Lisboa, n.º 22 *Dois Tamanquinhos* por Ouida, versão de Candido de Figueiredo. Precede este romance uma noticia biographica da auctora Louise de la Ramée, conhecida no mundo litterario pelo pseudonymo de Ouida com o qual tem firmado as suas numerosas producções litterarias, em que os *Dois Tamanquinhos* e a primeira que apparece vertida para a nossa lingua.

Revista Popular de Conhecimentos Uteis, *periodico Semanal illustrado*. Lisboa. 1.º anno, n.º 29, dezembro de 1888. Publicação muito interessante, com grande variedade de artigos sobre sciencia, litteratura e artes.

A Jangada, por Julio Verne, traducção de Pompeu Garrido. David Corazzi editor, Lisboa. Esta obra em 2 volumes é dividida em duas partes tendo a primeira por titulo *O segredo terrivel* e a segunda *A Justificação*. Pertence á grande bibliotheca das viagens maravilhosas aos mundos

VISTA EXTERIOR DA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Segundo uma photographia de Santos)

conhecidos e desconhecidos, tão vulgarisada em Portugal e a que nos temos referido mais vezes n'este logar.

Gazeta dos Caminhos de ferro *de Portugal e Hespanha, Navegação, Commercio, Portos, Correios, Telegraphos e Minas.* Director, L. de Mendonça e Costa, colloborada pelos principaes engenheiros portuguezes. N.º 19 do 1.º anno, dezembro de 1888, d'esta magnifica revista, a primeira, no seu genero, que se publica entre nós.

Fidés *versos escriptos depois de ouvir o Propheta de Meyerbeer* por Alberto Telles. Lisboa. Uma delicada poesia escripta sobre a impressão da grande opera de Myerbeer e que termina por estes magnificos versos:

....
Brada então: «Essas nobres espadas,
Que provaram na guerra o valor,
Quero tel-as no peito cravadas,
Se vos fui algum dia traidor!»

Alçam nuas as laminas brilhantes
Sobre a fronte real,
E aos raios que despedem scintillantes
Refulge a cathedral!
Reprime a custo a voz do coração
Fidés, a pobre mãe já fascinada
Pelo brilho da excelsa coroação;
Consumma o sacrificio, e arrebatada
Grita com força á multidão que vem:
«Eu não sou sua mãe!»

AVISO

O supplemento que costumamos distribuir com o ultimo numero do anno, será distribuido com um dos proximos numeros, pela razão de não se ter podido concluir a tempo.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Eis-nos chegados ao termo de mais um anno d'esta publicação, que é o 11.º da sua existencia gloriosa.

E dizemos gloriosa, porque temos a consciencia e a opinião publica que nos diz, o relevante serviço que o Occidente tem prestado ás lettras e á arte portugueza, como publicação eminentemente nacional, onde a par das producções litterarias portuguezas, apparecem as producções dos nossos artistas, que só aqui encontram publicidade e affirmam o seu valor.

A historia contemporanea de Portugal vae feita linha a linha nas paginas do Occidente, e quer com a penna, quer com o buril, aqui se vão registrando todos os factos notaveis da nossa vida social, formando um subsidio valioso para a historia.

Se o Occidente não se atavia com pennas de pavão, é porque, se isso augmentaria as suas galas, essas galas seriam falsas e depreciariam o valor a esta publicação genuinamente portugueza.

O publico intelligente tanto tem comprehendido a utilidade do Occidente e os sinceros esforços da nossa empreza em manter o seu programma, que nos tem dispensado todo o favor e animado a proseguir n'este difficil proposito.

A todos a Empreza agradece o auxilio que lhe tem dispensado, e de todos espera que esse auxilio a acompanhe no 12.º anno de publicação do Occidente que vae encetar.

A Empreza.